

cadernos
IHU
ideias

**A identidade e a missão
de uma universidade
católica na atualidade**

Stefano Zamagni



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

cadernos **IHU** ideias

A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade

Stefano Zamagni

ano 11 • nº 185 • 2013 • ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 11 – Nº 185 – 2013

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Dr. Marcelo Leandro dos Santos – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci (t) – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Marcelo Leandro dos Santos

Tradução

Lúis Marcos Sander

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

A IDENTIDADE E A MISSÃO DE UMA UNIVERSIDADE CATÓLICA NA ATUALIDADE

Stefano Zamagni

I

Começo com breves palavras de esclarecimento a respeito do conceito de identidade. “Identidade” pode ter duas acepções ou interpretações. Podemos interpretá-la como algo recebido do passado, como uma espécie de herança que ganhamos do passado. Há também uma segunda acepção de identidade que a vê como algo escolhido livremente e que se encontra sob a necessidade constante de atualização.

Em minha argumentação, uso o termo “identidade” na segunda acepção. Creio que seja importante sublinhar este aspecto porque muitas instituições acadêmicas, católicas ou não, interpretaram sua identidade na primeira acepção, o que acabou gerando duas consequências negativas. A primeira é o conservadorismo, no sentido literal de se apegar a um conhecimento transmitido desde o passado, sem se esforçar para aumentá-lo. A outra consequência negativa tem a ver com o fenômeno chamado “pensamento de grupo”, na acepção atribuída a essa expressão pelo teórico político americano Janis. Num famoso ensaio publicado em 1972, ele explicou a diferença entre pensamento de grupo e conformismo. Por que o pensamento de grupo é perigoso? Porque desencoraja a criatividade, a originalidade. Quando o pensamento de grupo se torna dominante numa instituição, como uma universidade, por exemplo, ela se torna incapaz de gerar pensamento novo e, em particular, incapaz de ler as *res novae*, as coisas novas do período histórico em que vive. É por isso que é apropriado enfatizar que não basta falar sobre a identidade em si. É importante especificar que conceito de identidade decidimos assumir.

Depois desse esclarecimento, a pergunta que surge naturalmente é a seguinte: quais são os elementos fundamentais que constituem a identidade de uma universidade católica hoje em dia? (“Hoje em dia” significa o período histórico que teve

início há cerca de 30 anos, quando a globalização começou a produzir seus efeitos.) Em outras palavras, como eu identificaria o genoma de uma universidade católica? Parece-me que três elementos básicos são fundamentais nesse tocante. O primeiro é a geratividade, o segundo, a reciprocidade e o terceiro, o princípio do dom como gratuidade.

No contexto atual, geratividade significa a capacidade de gerar conhecimentos novos na busca da verdade. De fato, uma universidade que não busca a verdade deixa de ser universidade. Talvez cumpra muitos outros deveres importantes, mas não é uma universidade.

O segundo elemento é a relação de reciprocidade entre estudantes e docentes. No passado, as universidades eram chamadas de *communitas docentium et studentium*, a comunidade de docentes e estudantes. Como sabemos, o funcionamento de uma comunidade pressupõe que seus membros pratiquem o princípio da reciprocidade. É impossível manter o espírito de uma comunidade durante muito tempo sem reciprocidade. É importante salientar que a reciprocidade não deve ser confundida com o princípio da troca ou do intercâmbio. A troca de coisas equivalentes em termos de valor tem muito pouco a ver com a reciprocidade. É culpa nossa como economistas que, nas últimas décadas, tenhamos divulgado a ideia de que a reciprocidade e o intercâmbio de princípios equivalentes seriam mais ou menos a mesma coisa. Essa confusão de pensamento gerou muitos equívocos detestáveis. Se queremos que a universidade seja uma comunidade tanto de estudantes quanto de docentes, precisamos encontrar formas práticas de implementar o princípio da reciprocidade.

O terceiro elemento é o dom como gratuidade. Tanto na antropologia quanto na sociologia, há uma enorme quantidade de literatura sobre o princípio do dom, mas, também nesse caso, as pessoas tendem a confundir o dom como *munus* com o dom como gratuidade. Em latim, *munus* é aquilo que se dá a outra pessoa. Por outro lado, o objeto do dom como gratuidade é a relação interpessoal que se estabelece entre o doador e o donatário.

Parece-me que aquilo que é típico de uma universidade católica é sua capacidade de se organizar de tal forma que os princípios da geratividade, reciprocidade e gratuidade sejam moldados e aplicados em conjunto. É verdade que se podem encontrar universidades em que o princípio da reciprocidade é aplicado ou onde a geração de conhecimento novo é extraordinariamente alta. Mas o que constitui típico de uma universidade católica é a capacidade de se organizar de tal modo que todos os três princípios operem conjuntamente, de acordo com a regra multiplicativa, e não com a regra aditiva. (Pense apenas na diferença entre uma soma total e uma multiplicação: nesta última, mesmo que um único fator seja anulado, o produto todo se torna zero.)

II

Por que estes três elementos que caracterizam a identidade de uma universidade católica são particularmente importantes hoje? Para responder a essa pergunta, permitam-me considerar brevemente um pouco da história da universidade como instituição. A universidade nasceu na Idade Média. Jamais deveríamos esquecer isso. A universidade nasceu da distinção (na verdade, da separação) entre *studium* e *imperium*. *Studium* representa a universidade. *Imperium* representa o poder. Sabemos o que “poder” significava exatamente naquela época. A divisão de trabalho – por assim dizer – era que o *imperium* tinha de lidar com o exercício do poder e o *studium* com a busca da verdade.

Durante os três ou quatro primeiros séculos, até o período da Renascença, a noção de universidade como *studium* foi traduzida pela expressão *reductio artium ad theologiam*. A teologia era o topo dessa espécie de pirâmide. De fato, a palavra *unum vertere, universitas*, era levar diferentes tipos de conhecimento: antropologia, política, filosofia, história, etc. a um elemento unificador, que era a teologia. Essa sistematização durou até o início da modernidade. Nessa época, aconteceu uma mudança importante. O *studium* (universidade) começou a se tornar um elemento indispensável para o *imperium*.

A partir do século XVI, a universidade certamente se tornou não a serva, mas algo funcional para o exercício do poder. Podem-se distinguir duas fases nesse período. Na primeira, o poder era basicamente militar e político. Esperava-se que o *studium* produzisse conhecimento em uma área ou outra a fim de manter e possivelmente aumentar o poder militar e político da nação.

Há um episódio histórico que esclarece vividamente o aspecto que estou tentando ressaltar. Em 1871, o famoso autor francês Ernest Renan publicou um livro intitulado *La reforme intellectuelle et morale* (A reforma intelectual e moral). Nesse livro, Renan – autor da primeira biografia de Jesus Cristo, *The Life of Jesus* [A vida de Jesus] – fez a si mesmo a seguinte pergunta: como é possível que a Prússia, governada por Bismarck, tenha sido capaz de derrotar o grande exército de Napoleão III? Como sabemos da história, o exército francês era muito superior em termos de número de soldados e armas, mas perdeu a batalha. Por que perdeu? A resposta que Renan deu em seu livro foi a seguinte: porque a Prússia de Bismarck conseguiu colocar a Universidade Humboldt a serviço do poder militar. O exército prussiano conseguiu colocar em prática o que hoje se chamaria de estratégia militar.

A famosa instituição de Berlim foi fundada no início do século XIX por Humboldt. Ela foi pré-antecipada pelos escritos de Scheler e importantes filósofos alemães como Schelling, Fichte, Steffens e por fim Hegel. A ideia básica era que a universidade

deveria servir aos interesses do Estado nacional. Em outras palavras, a razão da existência da universidade como instituição era servir ao Estado. Quando Hegel se tornou reitor da Universidade Humboldt, em 1829, ele deu um importante impulso a esta ideia ao fortalecer os estudos que facilitassem o desenvolvimento do poder militar e político alemão.

Na segunda fase da época moderna aconteceu outra mudança importante. Esperava-se que a universidade servisse ao poder, mas não tanto ao poder militar e político, e sim ao econômico. Qual foi o principal lugar onde esta mudança aconteceu? Nos Estados Unidos e na América do Norte. A economia americana se tornou aquilo que conhecemos atualmente também por causa desse fato. A sociedade civil americana conseguiu colocar a universidade a serviço do mercado. Não é necessário dizer que isso ocorreu não de uma maneira banal, mas muito sofisticada. Há uma grande quantidade de literatura provando o que eu disse. De fato, se lemos o famoso livro *The Idea of a University* [A ideia de uma universidade], de John Newman, podemos ver que, já em sua época (no final do século XIX), o cardeal inglês conseguiu prever o que ocorreria um pouco mais tarde no outro lado do Oceano Atlântico.

III

Atualmente, na época pós-moderna, a ideia de universidade ainda é aquela esboçada acima. Uma das melhores provas dessa asserção é a Declaração de Lisboa, assinada em 2007. Lendo cuidadosamente suas páginas sem atentar para a retórica da linguagem, constatamos que os seguintes três princípios deveriam orientar a vida futura de uma universidade: o primeiro é a estrita cooperação entre universidade e o universo empresarial para alcançar a empregabilidade dos estudantes. A universidade tem de estar estruturalmente organizada de modo a aumentar o grau de empregabilidade dos estudantes, o que significa que ela deve se organizar levando em consideração as necessidades do mundo dos negócios.

A ideia que surge da Declaração de Lisboa é que o estudante deve se tornar uma espécie de microempresário de si mesmo. Isso significa que o estudante é um ser humano racional que “compra” insumos da universidade, como, por exemplo, conhecimento, informação, vários tipos de serviços, etc., e então transforma estes insumos em “produção”, que será vendida em uma data posterior no mercado para obter um bom emprego ou algo equivalente.

Segue-se que a universidade não necessita ser um *locus* de educação. Ela tem de ser um *locus* de instrução e formação. De fato, a palavra *professor* está em declínio atualmente. Os professores se tornaram instrutores. Quando entro na sala de

aula de minha universidade, espera-se que eu seja um instrutor, não um professor. Não se espera que eu eduque alguém, e, se tentasse fazer isso, eu correria o risco de ser acusado de doutrinação, ou seja, de manipular as mentes dos estudantes, tolhendo sua liberdade de escolha. Tudo que a universidade deve fazer é oferecer a melhor técnica para ensinar, usando a internet, *slides* e todos os outros recursos técnicos.

No passado, não era assim. Solicitava-se que o professor falasse sobre valores, expondo e comparando criticamente as várias alternativas disponíveis na literatura. Na atualidade, o argumento é basicamente o seguinte: dada a sacralidade do princípio da liberdade de escolha, o instrutor tem de respeitar a autoconstrução da personalidade do estudante. Como economista, tenho de ensinar o modelo de oferta e procura e todo o restante. Mas não se espera que eu fale, por exemplo, sobre a dimensão ética do discurso econômico, porque a ética nada tem a ver com a economia.

O segundo princípio importante da Declaração de Lisboa é mais problemático ainda: a pesquisa se transformou em competição. Essa é uma questão muito séria. A ideia é que somente o primeiro a descobrir ou inventar algo deveria ser recompensado. A recompensa poderia significar a obtenção de verbas ou outros benefícios. A regra da prioridade é a meritocracia: quem fica em segundo lugar não ganha nada.

Espera-se que a pesquisa produza algo original e útil que seja funcional para as várias áreas de aplicação econômica. Esta regra é aplicada mais ou menos em toda parte. Pode-se apresentar o melhor projeto do mundo e jamais receber financiamento a não ser que se demonstre que os resultados deste projeto podem ser explorados economicamente. Caso contrário, ele é considerado irrelevante. Esse é o motivo pelo qual as ciências humanas estão atoladas em uma grande crise atualmente: pensemos na filosofia, história, teologia, etc. A não ser que encontrem algum filantropo generoso que, por uma razão ou outra, tente ajudá-las, as pessoas que dedicam sua energia intelectual a estas áreas de pesquisa receberão pouquíssimo apoio.

O terceiro princípio da Declaração de Lisboa está relacionado ao anterior: o processo científico, que por si tem a natureza de um jogo cooperativo, precisa se tornar um jogo competitivo. Não é necessário ser historiador da ciência para saber que, durante séculos, a busca da verdade sempre foi um empreendimento cooperativo, em que o conhecimento era compartilhado pelos membros da equipe. Atualmente, a nova regra é muito bem condensada no chamado “efeito do *superstar*”: “o vencedor leva tudo; o perdedor perde tudo”.

Por que os pesquisadores estão jogando um jogo competitivo em vez de um jogo cooperativo? Por causa da eficiência, que hoje em dia se tornou o novo Deus. Olhemos para o que

está acontecendo na atual crise financeira. Para estimular a eficiência, criou-se um jogo altamente competitivo. Em termos técnicos, falamos sobre competição posicional, e não sobre competição cooperativa. Thomas Schelling, economista americano e ganhador do Prêmio Nobel, escreveu páginas muito importantes sobre as desgraças da competição posicional.

O critério da rentabilidade está ligado ao princípio da eficiência. Se a eficiência é a palavra-chave, é óbvio que a universidade se torna uma espécie de mercado onde professores e estudantes têm de competir uns com os outros. Eles competem de tal forma que, se eu ganho, você perde. E, se você perde, eu aumentarei minhas oportunidades de alcançar uma posição mais alta. Estes são fatos duros, mas são fatos.

Ainda lembro o que João Paulo II disse em Roma, em 29 de novembro de 2004. Este foi seu último discurso público antes de falecer. Em minha opinião, foi um de seus mais importantes discursos, e talvez seja por isso que a maioria das pessoas o esqueceu. Cito de memória: “A discriminação baseada na eficiência não é menos desumana do que a discriminação baseada em sexo, religião ou raça.” E concluiu: “Atualmente, a nova forma de discriminação entre as pessoas e entre os países é o princípio da eficiência.” Pensando bem, ele colocou a questão de forma muito apropriada. Isso, a propósito, não significa que a eficiência não seja importante. É claro que ela é importante. O que estou dizendo é que ela não é o único critério sobre o qual se deve basear uma ordem social que respeite a dignidade humana.

IV

A esta altura, compreendemos por que é tão importante considerar o papel das universidades católicas. Nesse tocante, ousou apresentar uma tese que entendo ser bastante forte. Na situação presente, as universidades católicas têm a missão de resgatar a própria ideia de universidade. As universidades católicas, por causa de sua identidade e por causa de sua história, estão em condições de poder modificar, pelo menos parcialmente, a tendência atual.

As universidades não podem se limitar a se tornarem meros centros de pesquisa. Já existem muitos centros de pesquisa em todo o mundo. Elas tampouco podem ser transformadas em institutos de estudos avançados; nem em um novo tipo de Academia. Todas essas instituições são importantes e relevantes hoje, mas a universidade, como instituição, é outra coisa.

Naturalmente surge uma pergunta: o que as universidades católicas deveriam fazer para perseguir este objetivo fundamental? Por causa de restrições de espaço, vou me limitar a duas considerações: a primeira tem a ver com a ideia de autonomia. É preciso buscar um novo conceito de autonomia. Isso significa,

se me permitirem ser um pouco prosaico, resolver o problema do financiamento. A menos que uma universidade católica seja realmente independente das várias fontes de financiamento, jamais será autônoma. Se ela tiver de bater às portas feito um mendigo para obter o dinheiro necessário para continuar com suas atividades, isso é o fim de sua independência.

Há muitas pessoas no mundo todo que são suficientemente ricas para oferecer verbas. Porém, no exato momento em que dão dinheiro, elas tendem a subtrair a autonomia da instituição. Assim, a questão real torna-se a seguinte: como lidar com este problema? Minha ideia básica é que as universidades católicas têm de estabelecer uma aliança com a sociedade civil, mas com a sociedade civil organizada. De fato, se, para financiar suas atividades, a universidade católica tem de pedir dinheiro ao governo, isso é o fim. Porque inclusive o dinheiro do Estado segue a mesma lógica. Como dizemos na economia, aquele que paga é quem sempre compra. O mesmo vale se o doador for um filantropo privado. É por isso que temos de inventar novas estratégias para angariar fundos.

Historicamente, as universidades foram financiadas pela sociedade civil, não pelo príncipe, não pelos políticos, já que se sabia que, para serem independentes, elas não deveriam obter o dinheiro necessário de uma só fonte ou de poucas fontes apenas, mas da sociedade civil, de pessoas organizadas de uma forma específica. Em minha opinião, esse é o primeiro desafio a ser enfrentado se as universidades católicas quiserem preservar sua plena autonomia.

A segunda consideração tem a ver com a questão do que chamamos de “Nova Paideia”, o novo modelo de educação. O famoso pedagogo Jungmann deu a seguinte importante definição de educação em um livro publicado há alguns anos atrás: “A educação é a introdução da pessoa, em particular da pessoa jovem, ao todo da realidade.” Eu educo um jovem ou uma jovem quando o/a ajudo a entrar na totalidade da realidade. A questão é a seguinte: a que elementos da realidade os estudantes deveriam ser introduzidos? Considero quatro: o primeiro são valores, o segundo, os fins (escolher entre os fins), o terceiro, os meios (escolher o melhor meio para chegar a um determinado objetivo), e o quarto são normas.

É um fato que nossas universidades atualmente só falam sobre meios e normas. É “proibido” educar para valores, por causa do bem conhecido argumento do multiculturalismo. E também é difícil falar sobre fins, já que o âmbito dos fins é a esfera da liberdade individual. Se cada um/uma de nós deve escolher livremente, ninguém pode me dizer quais deveriam ser meus fins.

O resultado é que a universidade tem de se limitar a ensinar os estudantes como escolher entre os meios disponíveis de um

tipo ou outro (legais ou sociais). Não é necessário dizer que é de extrema importância educar os estudantes para o uso racional de meios e para o respeito leal de normas. Mas isso não é suficiente para uma *paideia* apropriada.

Uma universidade católica deveria propor (jamais impor) aos estudantes um projeto em que todos os quatro elementos estejam presentes. Para tornar a questão mais clara, permitam-me tomar como exemplo o conhecido paradigma da racionalidade usado na ciência econômica tradicional. Peçam aos economistas de nossas universidades para explicar a noção de racionalidade e lhes perguntem que tipo de racionalidade adotam. A resposta será: seguimos o exemplo de Ulisses. (Como sabemos da mitologia grega, Ulisses era supostamente muito racional e astuto.) A história é a de Ulisses e das sereias. Ele queria ouvir o canto das sereias, mas elas eram perigosas. Assim, Circe disse a Ulisses que, se ele quisesse escutá-las sem cair no mar e morrer, deveria colocar tampões nos ouvidos de seus homens e pedir que eles o amarrassem com fortes correntes ao mastro de seu barco. Ulisses certamente é racional, porque conseguiu alcançar seu objetivo, ouvir as sereias sem colocar sua vida em perigo. O famoso filósofo e sociólogo norueguês John Elster escreveu um livro intitulado *Ulisses and the Sirens* [Ulisses e as sereias]. Considero preocupante que quase nunca se diga aos estudantes qual o preço que Ulisses pagou por ser racional. Primeiro, a perda da liberdade e, segundo, a injustiça. Por algumas horas, ele esteve amarrado ao mastro e, portanto, não era livre; ao mesmo tempo, Ulisses pôde escutar o canto, mas os pobres remadores estavam impedidos de fazê-lo, o que é injusto.

Queremos ser racionais da maneira como Ulisses foi, perdendo a liberdade e a justiça? Não penso assim. Prefiro outro paradigma de racionalidade, o de Orfeu. Quando Jason, com seus argonautas, começou a procurar o velocino de ouro, ele decidiu embarcar Orfeu. Orfeu era um ocioso especialista em coisa alguma. Só era bom em tocar a lira, mas a tocava muito bem. Jason conseguiu convencer seus amigos a embarcar Orfeu. Quando o barco dos argonautas passou pela ilha das sereias, Orfeu começou a tocar a lira. Sua música mesclada com o canto das sereias anulou o efeito perverso. Todos conseguiram ouvir o canto sem perder qualquer liberdade de movimento.

Por que Orfeu foi bem-sucedido? A razão é que ele e Jason aplicaram o princípio da reciprocidade. Orfeu ofereceu às sereias sua música como um dom e elas retribuíram, o que anulou o efeito perverso de seus cantos. É um fato que, quando perguntamos aos estudantes em experimentos de laboratório: o que vocês preferem? O que considerariam superior como paradigma de racionalidade, Ulisses ou Orfeu?, quase todos respondem Orfeu. Por que, então, a maioria das pessoas creem que

deveriam se comportar de acordo com o paradigma de Ulisses? Porque a ciência econômica tradicional continua dizendo que a única maneira de ser racional é a maneira de Ulisses.

Hoje em dia vivemos em um período em que o *vertere ad unum*, a unidade do conhecimento, não pode ser operado no nível do objeto de estudo. É impossível. Isso era possível na Idade Média, em uma época quando o espaço de conhecimento era bastante limitado. No entanto, o que podemos fazer atualmente é tentar operar a unidade do conhecimento no nível do sujeito do conhecimento, e não no nível do objeto. Este sujeito é o ser humano. É por isso que o empreendimento educacional é tão importante.

V

Permitam-me concluir. Como se sabe, perto do final de *Caritas in Veritate*, o papa Bento XVI escreveu: “O mundo hoje sofre por causa da escassez de pensamento.” Ele não escreveu que o mundo sofre por causa da escassez de recursos; não é a falta de recursos que torna nossa vida problemática, e sim a falta de pensamento. Há dois tipos de pensamentos: o pensamento que calcula e o pensamento que pensa. O pensamento que calcula é o pensamento de Ulisses. Nas últimas décadas, demos atenção demais ao pensamento calculante e atenção insuficiente ao pensamento pensante.

O pensamento pensante é aquele que nos indica o caminho, a senda em que devemos caminhar. É urgente estabelecer um equilíbrio entre os dois tipos de pensamento. Eu me formei na Universidade Católica de Milão. Como homenagem à minha universidade, permitam-me citar santo Ambrósio, que foi bispo de Milão e um dos Padres da Igreja. Ele escreveu que a cultura autêntica sempre resulta de dois movimentos, que ele chamou de “*nova semper quaerere; parta custodire*”, o que significa “sempre tentar procurar coisas novas” e “tentar manter o que se herdou da tradição”. Isso equivale a dizer: sempre tente juntar as asas e as raízes. As raízes têm a ver com o que herdamos de nossos predecessores. Mas não deveríamos parar aí. Sempre teremos de colocar em funcionamento as asas, pois asas sem raízes levam à superficialidade ou ao aventureirismo. Mas também o oposto é perigoso: raízes sem asas degeneram em conservadorismo. Isto é, em última análise, o que eu consideraria a missão estratégica e fundamental das universidades católicas nos dias de hoje.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Kirschke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonard Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum

- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élda Azevedo Henington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e opções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring/Julianos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Verissimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unidosinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kem
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton e Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocosanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Nildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden

- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yenti Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engemann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói* – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airosa da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues

- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luís do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral



Stefano Zamagni, economista italiano, é professor da Universidade de Bolonha. É vice-diretor da sede italiana da Johns Hopkins University. Zamagni ganhou destaque mundial por ter sido um dos principais consultores e assessores do Papa Bento XVI na redação da encíclica *Caritas in Veritate*, publicada em 2009, acerca do desenvolvimento humano integral. Em 2007 foi nomeado presidente da Agência para as Organizações Não Lucrativas de Utilidade Social – Onlus, entidade do governo

italiano responsável pelas associações sem fins lucrativos. Desde 1991, é consultor do Conselho Pontifício “Justiça e Paz”, do Vaticano. De 1999 a 2007, foi também presidente da Comissão Católica Internacional para as Migrações – ICMC. Em 2008, foi homenageado com o título de Cavaleiro-Comendador da Ordem de São Gregório Magno, uma das cinco ordens pontifícias da Igreja Católica. Em 2010, recebeu o título de doutor *honoris causa* em economia da Universidade Francisco de Vitória, de Madri, Espanha.

Algumas publicações do autor

ZAMAGNI, S. “A Europa e a ideia de uma economia civil”. In: *Cadernos IHU ideias*, ano, 11, n. 183, São Leopoldo, 2013.

ZAMAGNI, S. “A ética católica e o espírito do capitalismo”. In: *Cadernos IHU ideias*, ano 9, n. 159, São Leopoldo, 2011.

_____. “Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento”. In: *Cadernos IHU ideias*, ano 9, n. 157, São Leopoldo, 2011.

_____. “Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica”. In: *Cadernos IHU ideias*, ano 9, n. 155, São Leopoldo, 2011.

_____. “Globalização e o pensamento econômico franciscano: orientação do pensamento econômico franciscano e *Caritas in Veritate*”. In: *Cadernos IHU ideias*, ano 9, n. 153, São Leopoldo, 2011.

ZAMAGNI, S.; BRUNI, L. *Economia Civil: Eficiência, Equidade e Felicidade*. São Paulo: Ed. Cidade Nova, 2010.

ZAMAGNI, S. *La cooperazione*, Bolonha: Il Mulino, 2008

_____. *L'Economia del Bene Comune*. Roma: Ed. Città Nuova, 2007.

_____. *Per una Nuova Teoria Economica della Cooperazione*. Bolonha: Ed. Il Mulino, 2005.